

# Atitudes centro-européias

Czesław Miłosz

Tradução de BEATRIZ SIDOU

**P**ressuponho que exista algo chamado Europa Central, mesmo que muita gente negue a sua existência, a começar por homens de Estado e por jornalistas que insistem em chamá-la de "Europa Oriental" e terminando pelo meu amigo Joseph Brodsky, que prefere reservar para ela o nome de "Ásia Ocidental". Nessas décadas do século XX a Europa Central parece existir apenas na cabeça de alguns de seus intelectuais. Em todo caso, o passado desta região – um passado em comum, apesar da enormidade de línguas e nacionalidades – está sempre presente aqui e se torna muito real pela arquitetura de suas cidades, pelas tradições de suas universidades e pelo trabalho de seus poetas. O passado também não está desprovido de sinais que indiquem uma unidade essencial subjacente à diversidade. Quando reflito sobre as obras literárias escritas hoje em tcheco ou polonês, húngaro ou estoniano, lituano ou servo-croata, percebo uma exuberância e uma sensibilidade que não se encontra em nenhum outro canto nos textos europeus-ocidentais, norte-americanos ou russos.

**CZESLAW MIŁOSZ** é poeta, romancista, tradutor e ensaísta polonês nascido na cidade de Vilnius (atual Lituânia) e radicado nos EUA. Seu livro mais famoso, do princípio dos anos 50, é *O pensamento cativo*, onde esmiúça a reação de quatro escritores poloneses à implantação do comunismo em seu país. Trata-se de um clássico da ciência política do século XX. Em 1980 ele recebeu o prêmio Nobel de Literatura e, desde então, seus dois romances, *O vale dos demônios* e *A tomada do poder*, foram traduzidos para o português. A maior parte de sua obra, porém, continua inédita no Brasil. O presente ensaio foi publicado originalmente na revista norte-americana *Cross Currents*, n.º 5, 1986.



Neste ensaio me atribuí uma tarefa ingrata: a tentativa de definir opiniões específicas da Europa Central. A tarefa é ingrata já que, em uma tentativa deste gênero, não temos à disposição instrumentos de análise precisos e, portanto, devemos aceitar antecipadamente uma certa imprecisão não desejada.

A Europa Central não é exatamente uma idéia geográfica. É difícil traçar seus limites nos mapas mesmo quando, ao caminhar pelas ruas das suas cidades, não se duvide da sua sobrevivência, seja na Wilno barroca, na Praga de um barroco diferente ou na Dubrovnik do Renascimento medieval. As maneiras de sentir e de pensar de seus habitantes devem assim bastar para esboçarmos linhas mentais que nos parecem mais duráveis do que os limites de estados.

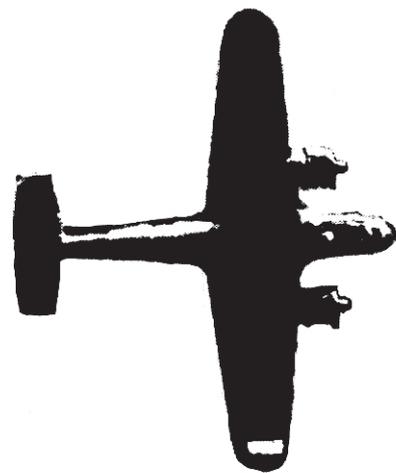
O aspecto mais impressionante da literatura da Europa Central é a sua consciência da história, passada e presente. Ela parece subjacente ao tratamento de diversas questões, não necessariamente históricas em si, e podem ser detectadas nos poemas de amor ou nos romances que lidam com *imbroglios* amorosos. As pessoas e os personagens que aparecem nestas obras vivem em uma espécie de tempo modulado de maneira diferente do que é o tempo de seus equivalentes ocidentais. Os acontecimentos da década política em que vivem os personagens, de décadas que os formaram e marcaram, mas também das décadas da época de seus pais, estão sempre latentes no plano de fundo e acrescentam uma dimensão raramente vista nas obras ocidentais. Nestas últimas o tempo é neutro, sem cor e sem peso, flui sem zigue-zagues, sem curvas repentinas e sem cachoeiras. Nas primeiras, o tempo é intenso, convulsionado, cheio de surpresas, é praticamente um ativo participante da história. Isto, porque o tempo é associado com um perigo ameaçando a existência de uma comunidade nacional a que pertence o escritor. Desconfio que a imaginação histórica vem sempre da memória coletiva e de uma sensação de ameaça. Quanto a isso, há uma afinidade entre a literatura centro-européia e a judaica. As nações naquela parte da Europa, embora algumas tenham alguma vez passado por períodos de prosperidade e glória, estiveram por tempos demorados sob o domínio estrangeiro, ameaçadas com a perda de sua identidade nacional e oprimidas pelo inimigo, fossem estes turcos, austríacos, alemães ou russos. A desintegração da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e a eliminação dos impérios dos Habsburgs e do Tzar foram seguidas pelo surgimento de dois nomes que simbolizam quaisquer tendências federalistas em potencial no futuro: a Tchecoslováquia, composta pelos tchecos e os eslovacos, e a Iugoslávia, composta pelos eslavos do Sul. Depois de um curto intervalo para tomar fôlego, o pacto russo-alemão de 1939 pôs um fim às esperanças de independência daquela região, enquanto a Segunda Guerra resultou na volta à situação opressiva do século anterior – o império soviético assumindo o controle das grandes potências monárquicas extintas.

Uma história triste. Ainda está longe, decerto, o fato de que a grandeza e o poder de Estados venham acompanhados pela fertilidade na ciência, nas artes e nas letras. São abundantes os exemplos do contrário e é bem possível que os inacreditáveis labirintos e confusões das circunstâncias políticas sejam necessários para instigar o espírito humano, no mínimo para libertar-se deles e manifestar a sua soberania. Qualquer pessoa que fale da Europa Central poderá ser censurada por trazer de volta o espectro de “Mitteleuropa”, pois toda aquela região deve de alguma forma pertencer à esfera de influência russa ou alemã. A minha resposta é que, se isso continuar sendo eternamente uma verdade, o Pacto Molotov-Ribbentrop de 1939, que dividiu os territórios, tem de ser visto como algo que fez época. No entanto, eu reconheço que a minha Europa, campo de vivos nacionalismos que resistem ao controle externo e ao mesmo tempo se voltam uns contra os outros, poderá ser por esta razão deixada de lado como desordeira em potencial, para ser mantida em cheque por um guardião – o império soviético. Não fosse o domínio de Moscou – diz o argumento – as nacionalidades da região já estariam umas nas goelas das outras. Basta que se olhe apenas para as rixas húngaro-romena, eslova-co-húngara, polaco-ucraniana e polaco-lituana. Aqui eu toco em um problema complexo demais para ser tratado em um ensaio curto. Em qualquer caso vejo razões suficientes para acreditar-se que as cabeças mais fortes nesses países resistem muito bem às tentações do chauvinismo nacional e representam uma força considerável, trabalhando para a unificação da Europa Central. Pelo menos compartilham a percepção de seus destinos comuns e dos traços peculiares que a tornam diferente de seus grandes vizinhos, o Ocidente e o Oriente.

**O** orgulho nacional humilhado em geral faz surgir ilusões, auto-piedade e mitologias. Observando isto, um escritor da Europa Central é treinado na ironia. A própria condição de ser um polonês, um tcheco ou um húngaro se torna objeto da sua ironia, o que dá cor à sua interpretação da vida. Assim, o bravo soldado Svejek, que repete o padrão do escravo Esopo e seu senhor, adquire um significado permanente. A ironia encontra alimento no quadro internacional de hoje que é uma ofensa à razão. Em uma era de anticolonialismo, exatamente no momento em que estavam desmoronando o império britânico e o império francês, os estados independentes de metade da Europa foram transformados em satrapias coloniais controladas de fora. Estas satrapias enviam seus delegados às Nações Unidas – ou melhor, não nações unidas, mas governos desunidos. O fato essencial é o limite do império e as guarnições de seu exército, ao passo que a mentalidade dos senhores é sentida pelas populações subjugadas como estranha, quase incompreensível e bárbara. A auto-admiração russa (mais que isso – auto-veneração) vai além do alcance normalmente esperado da vaidade nacional e traz a marca de um messianismo do século XIX que naquela parte do mundo não deixou boas memórias. Da mesma forma, a arte e a literatura russa contemporânea, agarrando-se obstinadamente a clichês e congeladas pela censura, parecem estereis e nada atraentes. Contudo, incontáveis Svejeks mais verdadeiros ao tratar com os russos devem fingir a sua reverência e gratidão para com o *Big Brother*.

Naturalmente, existe o marxismo. As décadas de governo comunista transformaram radicalmente toda a região ao levantar as barreiras sociais, urbanizando as populações e criando uma sociedade de massa. O processo teve paralelo nas transformações que ocorreram na Europa Ocidental devido ao progresso tecnológico. Ali estas exemplificavam a tendência igualitária geral de nossa época. Entretanto, o que aconteceu no processo de tomada de controle comunista na minha parte da Europa poderá ser comparado ao conto de fadas em que o gênio é libertado da garrafa. Já não mais camponeses, que eram bastante indiferentes à herança nacional, os trabalhadores da indústria surgem como precursores de aspirações nacionais e também libertárias. Por exemplo, o movimento Solidariedade na Polônia caracteristicamente combina a inquietação social e o ressentimento nacional para com o governo estrangeiro. Um salto convincente e imposto levou em poucas décadas esses países para muito distante do que eram antes da Segunda Guerra Mundial, com os conseqüentes novos conflitos e novos esforços.

Vamos agora imaginar um intelectual da Europa Central em seu confronto com o mundo livre, com os seus colegas da Europa Ocidental e da América do Norte ou da América Latina. Enquanto ele mantém o silêncio ou, se falar, evita as susceptibilidades de seus interlocutores, tudo vai muito bem. Assim que ele começa a falar com franqueza, começa a ter a impressão de ser visto como um monstro de ironia e cinismo. Esta brecha com certeza é um dos fenômenos mais estranhos a serem observados hoje em dia, e sua elucidação por inteiro provavelmente nos levaria à essência da condição do homem moderno. Sem a menor dúvida, a chave é a posição do nosso intelectual em relação ao marxismo. Ele sente uma certa aura em torno desta expressão, uma espécie de temor e veneração, mesmo entre as pessoas que estão distantes de qualquer comprometimento político. Ele mesmo não declara ser marxista ou anti-marxista, apenas dá de ombros e sorri, pois sabe demasiado. Em sua opinião, existem determinados assuntos demoníacos que devem ser abordados com cautela, pois muitas armadilhas e tentações ocultas ali esperam o imprudente. O marxismo invoca os nobres impulsos do homem e, daí, a sua força de sedução. É impossível comunicar a verdade sobre ele a qualquer um que não o tenha visto funcionando. Mas o seu produto, o Estado totalitário-burocrático, monopolizando todo o poder político e econômico, foi profeticamente descrito por um escritor da Europa Central, Franz Kafka. A experiência direta é responsável pelo fato de que o mais completo levantamento da filosofia marxista jamais escrito vem da pena de outro centro-europeu, Leszek Kolakowski. O adjetivo “demoníaco” aplicado ao marxismo não é um exagero. Em primeiro lugar, a quantidade de pessoas mortas e torturadas até a morte em seu nome ultrapassa muitas vezes o número total de vítimas do nacional-socialismo de Hitler. Em segundo lugar, uma doutrina que prometia “a destruição do Estado” levou ao surgimento de um Estado todo-poderoso e sua polícia onipotente. Terceiro, em vez de terminar com a opressão do homem pelo homem e acabar com a desunião, passou a existir um reino de uma alienação quase absoluta, em que o indivíduo não pertence a si, literal e figuradamente.



**N**ão obstante, um confronto de meus equivalentes intelectuais com os seus ocidentais torna-se ainda mais complicado pela duradoura influência deste sistema em sua maneira de pensar. Sem vida e petrificada, a doutrina marxista recebe em seus países não mais que uma adulação como tributo, mas alguns de seus resultados práticos são palpáveis. Antes de mais nada, muita gente foi liberada da maldição de Adão – ou seja, o trabalho. Se, como diz o provérbio polonês, “o Estado finge que nos paga e nós fingimos que trabalhamos”, podemos falar de uma inversão das condições capitalistas – o medo econômico, medo do desemprego, desaparece em grande parte, enquanto o tempo de trabalho é utilizado para atividades paralelas, para garantir bens e dinheiro através de negócios privados, ficar em pé nas filas, etc. Talvez isto não se aplique à indústria pesada, mas as massas de trabalhadores de colarinhos brancos, muitas vezes semi-analfabetos, confirmam o padrão, não menos do que os camponeses, sejam eles coletivizados ou não, com o seu setor privado da economia. Formou-se um hábito em relação ao único empregador, o Estado. Espera-se que ele proporcione um mínimo de subsistência para todos, e ele é considerado o responsável pelas prateleiras vazias em suas lojas. O medo então passa da esfera da economia para a esfera da vigilância política. Os imigrantes do bloco soviético para os países ocidentais têm enorme dificuldade em compreender os princípios de auto-confiança do indivíduo que implica em miséria, falta de habitação ou fome como castigo pelo fracasso. Tudo isso não pode deixar de ter uma influência na mente do intelectual da Europa Central. Quando ele procura interlocutores ocidentais abertos a seus pontos de vista, percebe que apenas os conservadores levam a sério o seu horror da opressão política e a sua defesa da liberdade. Os liberais parecem tapar os ouvidos, porque a sua verdadeira paixão é um *meaculpa* e um ódio do sistema capitalista. Acontece que a personagem que discuto não pode ser um aliado dos conservadores a não ser, talvez, na política externa, pois considera indiscutível que o bem-estar do Estado satisfaça a necessidade do ser humano de decência e de um mínimo de segurança. Ele compreende os dilemas envolvidos em confiar-se no Estado e em sua plétórica burocracia, mas sente que podem ser resolvidos sem que o indivíduo renuncie às decisões livres.

Se o que ele pensa parece estranho aos ocidentais, acredito que isto se deva a uma sombra de hegelianismo que se tornou quase instintiva nele. Ele raciocina em termos do movimento da história e da vida de idéias cuja ascendência ou queda indica a direção que será tomada pelas sociedades humanas. O fascínio que Marx exerceu por muitas décadas na maioria dos pensadores e artistas criativos, em minha opinião, servia de testemunha ao vigor da tendência revolucionária. Hoje o marxismo já foi abandonado lá em cima, pela elite, tanto no Leste quanto no Ocidente, ao passo que ao mesmo tempo atrai as cabeças de nível inferior e se dissemina entre pessoas que mal acabam de sair do analfabetismo. Uma degradação similar, vindo de cima para baixo e chegando à camada dos mitos corriqueiros, caracteriza o pensamento de Freud. Qual é, então, o prognóstico? É provável ser este: a idéia do século XIX do que é “científico” acabou. Marx queria dedicar *O capital* a Darwin, e Darwin rejeitou o oferecimento – é evidente uma associação entre diversas teorias científicas ou pseudocientíficas da evolução. Desde que o homem moderno foi criado no espírito da ciência do século XIX, o marxismo ainda tem grande apelo, embora esteja definhando aos poucos gradualmente a partir de cima onde falta a sua coerência como filosofia. Exagerando um pouco, eu diria que o meu intelectual da Europa Central está inclinado a dividir as pessoas, onde quer que as encontre, em três categorias: os proto-marxistas, os marxistas e os pós-marxistas, até onde ele é sério em relação às idéias – forças encarnadas como as principais tendências filosóficas de seu tempo.

Banco de Dados



Tropas nazistas quebram uma barreira na fronteira com a Polônia

**O** mundo é apocalíptico? Não no sentido em que são as cabeças de muitos escritores no Ocidente. É como se ele houvesse rejeitado a reflexão sobre os possíveis efeitos da guerra nuclear como inúteis e passado a própria possibilidade da guerra para o campo da piada absurda, para escrever uma história sobre o casamento de um camponês em que os convidados bêbados começam a brigar usando, em vez de facas, bombas nucleares. Ou sobre um míssil intercontinental colocado pelas autoridades na varanda particular de alguém. As visões do futuro em um sentido diferente e talvez mais profundo parecem ser uma especialidade dos escritores da Europa Central. Não esqueçamos que a palavra “robô”, hoje aceita internacionalmente, foi introduzida por Karel Capek, e que os romances e jogos de previsão de Stanislaw Witkiewicz mostraram-se proféticos. Ele já havia descrito, antes de Orwell, o governo totalitário pelo Partido dos Niveladores, e a condição dos artistas controlados pelo que chamou de Ministério de Mecanização da Cultura. O futuro em obras desse tipo é visto em função da desintegração interna da sociedade burguesa, que é fraca demais para apresentar uma resistência eficaz para os Niveladores, que poderiam tomar o poder e liquidar seus oponentes. Aqui temos o principal componente de crítica endereçada pelo meu centro-europeu ao Ocidente, análoga mas não idêntica à propaganda anti-ocidental realizada dia e noite pelos Niveladores, ou seja, os Partidos Comunistas. Esta propaganda fala da decadência do capitalismo como oposta à saúde das chamadas sociedades socialistas. Contudo, não é preciso ser um observador muito perspicaz para notar que a palavra “decadência” poderia ser aplicada aos dois lados se, e isto eu considero correto, significa a perda da noção de bem e mal. A revitalização completa do bem e do mal, tornando-os dependentes dos critérios sociais de um dado momento histórico, é um acontecimento importante na história da mentalidade europeia e a esse respeito Nietzsche, que previu o “nihilismo europeu”, não era menos apocalíptico que Dostoiévski que, em *Os possessos*, esboçou os aspectos essenciais da revolução russa. A recusa em ver a perda da fundamentação metafísica como uma grande tragédia caracteriza hoje as pessoas, exatamente como Nietzsche previu. O homem perde no entanto os subterfúgios, que lhe permitem escapar da questão quando é confrontado pelo Estado totalitário. Desprezado pelos governantes e já não mais protegido pelos dez mandamentos, uma vítima, uma entre os milhões dispensáveis, descobre, por assim dizer empiricamente, a inequívoca linha que separa o bem do mal. Na latitude geográfica de que trato, a experiência do nazismo bastou para demonstrar que não se poderia relativizar os valores básicos e transigir com eles sem tornar-se culpado de conivência com os criminosos. Mas – e aqui volto para minha questão relativa à mentalidade da Europa Central – as coisas deixaram de ser simples com o advento do governo comunista. Um programa de longo alcance voltado para a absorção gradual da sociedade pelo Estado significa que todas as diferenças óbvias são eliminadas e é difícil distinguir entre mesquinhez e integridade, mentira e verdade. Todos estão contaminados e todos são vítimas. O *1984* de Orwell surpreende pela sua precisão, mesmo quando ele insiste em seu louvor negativo da capacidade do proletariado de pensar muito profundamente e não leva em conta os esforços econômicos privados, aquela margem sem a qual o sistema não poderia sobreviver. Levando-se tudo em conta, um observador do sistema não é mais otimista do que foi Orwell. Segundo ele, não é impossível que um Estado totalitário seja um produto lógico da privação espiritual do homem moderno, uma espécie de punição, como acontece na história bíblica de Babel. Se esse é o caso, o futuro do planeta é realmente bastante sombrio.

Mas uma outra característica do tipo humano que descrevo luta contra essas previsões deprimentes. Qualquer um que tenha conhecimento da história dos tchecos, dos húngaros ou dos poloneses, sabe que determinados códigos de comportamento imperativos para a *intelligentsia* vêm de séculos atrás. Um comprometimento cívico, a busca de um sonho relativo ao que deveria ser a vida política e social de um país, animou os movimentos sócio-religiosos dos hussitas tchecos, dos socianianos poloneses, produziu volumosas obras utópicas sobre o ideal do Estado cristão, como o *On the improvement of the republic* de Andrzej Frycz Modrzewski, de 1543, e está visível na atividade pedagógica, erudita e teatral de Comenius. Sem a menor dúvida libertário e voltado contra a supremacia da Igreja e do Estado, essas tendências foram as predecessoras de um ímpeto romântico e democrático no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, uma específica confluência das idéias frugais do Iluminismo e de um entusiasmo schilleriano. Tudo isso, longe de ser esquecido, dá aos textos da Europa Central um matiz de nostalgia, de utopia e de esperança.



Acima, foto tirada uma hora antes do príncipe Francisco Ferdinando ser baleado e morto, no atentado que daria início à Primeira Guerra. A seu lado está sua mulher e eles passeiam de carro pelas ruas de Sarajevo; ao lado, soldados do exército polonês com um prisioneiro nazista, na Segunda Guerra



**N**ão existe uma base razoável para esperar-se que o quadro internacional de hoje venha a ser alterado no futuro previsível. Depois das guerras napoleônicas as grandes forças dividiram os despojos entre si no Congresso de Viena, e a ordem estabelecida, com algumas modificações, durou cem anos, até 1914. A demorada luta dos revolucionários contra a vilania dos monarcas aliados não evitou a repetição desse padrão de Yalta. De um ponto de vista de Moscou, a região recém-adquirida é uma propriedade a ser assimilada e sovietaizada aos poucos, embora até agora seu programa tenha falhado em grande parte, como indicam os acontecimentos de 1956 na Hungria, os de 1968 na Tchecoslováquia e os de 1980 na Polônia. Os tanques russos estão aqui para ficar e ensinar uma lição. Nestas circunstâncias, deixem-me ousar afirmar que a imaginação humanista deveria ser separada e até colocada em oposição à imaginação política, já que tratar de probabilidades, incluindo a da sobrevivência do planeta, tratar de estratégia, de tendências revolucionárias, etc., etc., é uma ocupação bastante debilitante para alguém que esteja envolvido com a sensibilidade humana. Em relação a mim mesmo (agora está claro que neste ensaio também estou traçando um retrato meu), acho que a Europa Central é um ato de fé, um projeto, digamos, ou mesmo uma utopia, mas as minhas razões para adotá-la são bastante realistas. Como demonstra o nome de muitos Centros de Estudos Russos ou da Europa Central, as universidades norte-americanas aceitam uma divisão da Europa em ocidental e oriental. Esta aceitação pode ser contestada baseando-se em que ela confunde uma fronteira política com as fronteiras culturais do passado. Os que fazem objeção expõem o argumento de que uma divisão cultural da Europa em duas metades existiu durante séculos, com a divisão dos reinos de Roma e Bizâncio e, assim, a língua latina da igreja e a lei romana determinaram os limites orientais do Ocidente. Por trás deste argumento podemos detectar a queixa de nações que se orgulham de pertencer à cultura ocidental e orientalizadas pela força. Há uma validade nesta queixa. Mesmo assim, devemos confrontar os fatos e dizer que nem a antiga fronteira religiosa entre o catolicismo e a ortodoxia foi um indicador muito preciso de que esses países, situados entre a Alemanha e a Rússia, não eram ocidentais de linhagem pura. As idéias do exterior que penetram essas terras, diluídas e transformadas, adquiriram uma qualidade específica, os costumes locais são persistentes, as instituições assumiram formas de que jamais se ouviu falar na porção ocidental da Europa, que poderiam apenas fazer um hussitismo do final da Idade Média se questionar sobre um estranho sistema parlamentar na Polónia renascentista, ou sobre o “paraíso dos hereges” (*paradisum hereticorum*) na Polónia e na Transilvânia, para dar alguns exemplos. Mesmo hoje, o indivíduo médio na França ou nos Estados Unidos é incapaz de dizer o que é a igreja greco-romana ou Uniata. Além disso, sem levar em conta o esnobismo e o apreciar das coisas ocidentais, nós, daqueles brejos essencialmente agrícolas, tivemos muitos eixos a polir em nossos encontros com as sociedades ocidentais mercantis e industriais. A atual atitude ambígua para com o Ocidente capitalista não é nada nova. Uma razão higiênica por trás de nossa escolha da expressão “Europa Central” é o que nos autoriza a procurar a especificidade da sua cultura e nos protege da tentação de analogias enganadoras. Podia-se observar um fenômeno curioso na literatura e na arte europeia das últimas décadas: a cortina de ferro e as diferenças de dois sistemas políticos em parte detiveram a circulação das idéias e das modas, apesar de todos os esforços para fechar hermeticamente as fronteiras e impor modelos russos. Na poesia, na pintura e no teatro, Varsóvia, Praga e Budapeste foram mais parecidas com Paris, Amsterdã ou Londres, do que com Moscou. Mas seria muito improdutivo procurar na Europa Central ecos do surrealismo, do existencialismo, do estruturalismo ou do teatro do absurdo do Ocidente. Se existem as influências, são transpostas, em geral mudadas para seus opostos sob o impacto de uma experiência coletiva única. Estou inclinado a concordar com Milan Kundera, quando ele diz que hoje há mais vigor e energia na literatura da nossa Europa do que existe em sua diversidade ocidental.



Um outro aspecto do intercâmbio cultural pode ser trazido à evidência com a idéia da Europa Central – o lugar da arte e da literatura russa em uma época cosmopolita antes da revolução, ao tempo em que os artistas e escritores russos tinham a sua parcela no movimento europeu do modernismo e do simbolismo.

Um estudo do simbolismo poderá mostrar exemplos interessantes mas, por outro lado, o simbolismo polonês (perdoem a referência constante à minha terra) não era como o russo, como demonstram tão claramente as estranhas obras ou peças teatrais de Stanislaw Wyspianski ou as pinturas de Jacek Malczewski. Um estudo das trilhas divergentes dentro da tendência comum seria útil para o futuro, quando a arte e a literatura russa recuperarem novamente a sua espontaneidade.

Resumindo, não encaro a minha conversa sobre a Europa Central como sendo apenas uma expressão de lástima de que as coisas sejam como são. Muito pode ser feito na cultura literária e artística e na história crítica e intelectual. Ao delinear o quanto somos próximos, nós, que falamos as línguas de nosso território, podemos tornar menos prováveis os conflitos nacionais, mesmo se o dia de alguma espécie de federação centro-européia ainda estiver distante.

Banco de Dados



Lojas judias fechadas pela ocupação nazista na Segunda Guerra